

AValiação DA APRENDIZAGEM EM CURSOS DE LICENCIATURAS: O QUE DIZEM OS ALUNOS FORMADOS

*Uillians Eduardo Santos**, *Vanessa Maria Redígolo Castilho***

RESUMO

A temática referente à avaliação da aprendizagem está presente em debates constantes entre especialistas, educadores, formadores e pesquisadores da área. Suas vertentes são as mais variadas. Este trabalho foca a avaliação do processo de ensino e aprendizagem no ensino superior, em especial, nos cursos de licenciaturas. Por meio de pesquisa, numa abordagem qualitativa, os instrumentos usados para coleta de dados foram questionários com questões abertas. Fizemos uso também da pesquisa bibliográfica e documental. Tivemos o objetivo de identificar o perfil dos sujeitos e, posteriormente, as suas percepções de avaliação, bem como os instrumentos avaliativos aos quais foram submetidos durante a graduação e se eles utilizariam os mesmos métodos com seus alunos. Fizemos uso, igualmente, da pesquisa bibliográfica e documental. No decorrer da pesquisa, observou-se que os sujeitos apresentaram percepções de avaliação progressista (diagnóstica, formativa e processual), mas, em sua maioria, eles foram submetidos a processos avaliativos muito tradicionais, e, curiosamente, muitos deles responderam que usariam o mesmo método para avaliar seus estudantes. Conclui-se, neste enfoque, que há a necessidade de novas pesquisas para identificar os processos avaliativos desses novos professores e suas concepções sobre avaliação da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Instrumentos avaliativos. Cursos de licenciatura.

ASSESSMENT OF LEARNING IN UNDERGRADUATE ACADEMIC DEGREE COURSES: WHAT GRADUATED STUDENTS SAY

ABSTRACT

The subject regarding the assessment of learning is in ongoing debates among experts, educators, trainers and researchers in the field with the most varied

* Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Marília. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP/Presidente Prudente. Professor da educação básica da rede municipal de Presidente Prudente. E-mail: ues0709@hotmail.com

** Licenciada em Letras. Especialista em Psicopedagogia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP/Presidente Prudente. Professora da educação básica da rede municipal de Dracena. E-mail: vanessa_redigollo@hotmail.com

distinctions. This paper focuses on the assessment of teaching and learning in higher education, especially concerning undergraduate academic degree courses. A research of qualitative approach was accomplished and the instruments used for data collection were unstructured questionnaires. A bibliographic and documentary research was also achieved. We had the purpose of identifying the profile of the subjects, and afterwards their perceptions of assessment of learning, as well as the instruments used for this assessment during the period of their graduation, and their opinion about using the same methods with their students nowadays. The results revealed that the subjects presented an advanced conception of assessment of learning (diagnostic, formative and procedural) but mostly they were submitted to a traditional type of assessment of learning and curiously many of them said they would use the same method to evaluate their students. In conclusion, we make suggestions for further research to identify how these new teachers will evaluate their students and recognize their conceptions about assessment of learning.

Keywords: *Assessment of learning. Instruments of assessment of learning. Undergraduate academic degree courses.*

EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EN LOS CURSOS DE GRADO: QUÉ DICEN LOS ESTUDIANTES GRADUADOS

RESUMEN

La cuestión relativa a la evaluación en debates en curso entre los expertos, educadores, formadores e investigadores y sus variaciones son de lo más variado. Para este trabajo, nos centramos en la evaluación de la enseñanza y del aprendizaje en la educación superior, especialmente en nuestra discusión en los cursos de graduación. A través de la investigación en un enfoque cualitativo para la recolección de datos a través de un cuestionario con preguntas abiertas, tuvimos que identificar el perfil del sujeto, y luego sus percepciones de evaluación, así como herramientas de evaluación que se presentaron durante graduación y si iban a utilizar los mismos métodos con sus estudiantes. También utilizamos la investigación bibliográfica y documental. En el curso de la investigación, se observó que los sujetos mostraron una evaluación progresiva de las percepciones (diagnóstica, formativa y procesal), pero en su mayoría fueron sometidos a procesos de evaluación muy tradicionales y curiosamente muchos de ellos dijeron que usarían el mismo método para evaluar. En conclusión, en este enfoque, hay una necesidad de más investigación para identificar los procesos de evaluación de estos nuevos maestros y sus representaciones en el aula.

Palabras clave: *Evaluación. Herramientas de evaluación. Cursos de graduación.*

1 INTRODUÇÃO

A avaliação vem assumindo crescente importância em todos os domínios, incluindo os da educação. Os objetivos da avaliação, no que diz respeito à educação, têm se diversificado no Brasil. Nos últimos anos, a avaliação tem sido con-

siderada o centro da discussão e dos debates na busca por resultados que norteiem as políticas públicas em educação.

Conforme Cappelletti (2001, p. 72), o conceito de avaliação recebe conotações mais ou menos particulares, de acordo com seu contexto; porém, em sua essência,

Avaliar é julgar algo ou alguém quanto ao seu valor. Avalia-se a ação por tudo que a concretiza - as ideias e conceitos, os meios, os instrumentos, os programas, os desempenhos e os resultados. Não é mera ação executora, mas uma nova reflexão sobre a ação para reordenar o processo. Por isso as dinâmicas avaliativas pertencem muito mais ao durante do que ao após.

Remetendo-nos aos estudos de Luckesi (2010, p. 10), temos que

O termo avaliar é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso da ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato, ou curso de ação avaliado.

Portanto, na concepção do autor, isso quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou da qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto avaliado, com uma conseqüente decisão de ação.

Ainda de acordo com o autor, ele conceitua avaliação como sendo “[...] um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 2010, p. 33). É bem simples: são três variáveis que devem estar sempre juntas para que o ato de avaliar cumpra seu papel. São elas: juízo de qualidade, dados relevantes e tomada de decisão.

De acordo com Gatti (2002), a avaliação é um campo abrangente que comporta subáreas com características diferentes: avaliação de sistemas educacionais, de desempenho escolar em sala de aula, de rendimento escolar, de programas, de instituições e autoavaliação.

Diante desse complexo campo, propomos, nesta discussão, a análise da avaliação da aprendizagem nos cursos de licenciaturas. O objetivo da pesquisa foi identificar as percepções de avaliação dos recém-formados em cursos de licenciatura e os instrumentos avaliativos mais utilizados por seus professores durante o curso. Além disso, buscou-se verificar se houve, durante a realização do curso, alguma disciplina na grade curricular que tratasse de avaliação ou se foram realizadas discussões e/ou inclusão da temática em outras disciplinas (destacamos que, devido ao limite de páginas deste trabalho, não discutiremos esse item).

Para isso, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário com questões abertas, o qual, além de colher as informações anteriormente mencionadas, foi utilizado para coletar informações acerca do perfil do aluno formado em curso de licenciatura. Além disso, fizemos uso de pesquisa bibliográfica e documental.

Iniciamos a discussão neste artigo fazendo um resgate teórico sobre a avaliação da aprendizagem a partir de autores que trabalham a temática. Na sequência, apresentamos o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa, analisando os instrumentos avaliativos utilizados por seus professores no de-

correr de seus respectivos cursos de licenciatura e, por fim, as suas percepções de avaliação.

Vale destacar que o número limitado de sujeitos participantes (vinte e dois) desta pesquisa aparentemente pode comprometer a validade das análises realizadas preliminarmente, mas este estudo também pode ser o reflexo de uma amostra maior de sujeitos.

2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: CONCEPÇÕES E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A avaliação é um ato inerente ao ser humano, universal, independentemente de classe social, cor e etnia. Sempre nos perguntamos, refletindo, se estamos agindo de forma correta ou não, em função do que esperamos conseguir em nossas vidas. Ela nos é tão útil a ponto de que nossas ações futuras são planejadas de acordo com o resultado do que avaliamos no presente. Em nossas escolas e universidades, não seria diferente. A partir da avaliação, conseguimos acompanhar as dificuldades e facilidades de nossos alunos.

Entretanto, a definição de avaliação é uma questão mais complexa do que possamos imaginar. Diante disso, recorremos aos estudos de Haydt (2002), que trazem, de forma objetiva, algumas contribuições de renomados estudiosos sobre os conceitos de avaliação. Não obstante, enfatizamos que cada definição é o reflexo de uma postura filosófica adotada, daí a justificativa quanto à complexidade de definir um único conceito.

Além disso, independentemente do conceito atribuído à avaliação, entendemos que ela deve ser considerada uma atividade indissociável da educação, em qualquer filosofia e concepção metódica. Portanto, consideramos que não se faz educação sem algum tipo de avaliação.

Nessa perspectiva, apresentamos a seguir as concepções de diferentes estudiosos sobre o assunto.

Começamos com Ralph Tyler (1999 *apud* HAYDT, 2002), educador norte-americano que se dedicou à questão de um ensino que fosse eficiente. Vejamos o conceito de avaliação a partir de seu ponto de vista: “O processo de avaliação consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino” (TYLER, 1999, p. 10 *apud* HAYDT, 2002, p. 11).

Ademais, este autor defendia que,

Como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos, em outras palavras, como os objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento do estudante - a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo. (TYLER, 1999, p. 10 *apud* HAYDT, 2002, p. 11-12).

Os pesquisadores norte-americanos da área de avaliação de aprendizagem definem o período de 1930 a 1945 como o período *tyleriano* da avaliação da aprendizagem. O termo foi introduzido, entretanto a prática continuou sendo baseada em provas e exames, apesar de vários educadores considerarem que a avaliação poderia e deveria subsidiar um modo eficiente de fazer ensino.

Para expormos o enfoque desse autor, recorreremos aos estudos de Jussara Hoffmann (2010). Concordamos com a autora ao considerarmos que o enfoque de Tyler é comportamentalista e resume o processo avaliativo à verificação das mudanças ocorridas, previamente delineadas em objetivos definidos pelo professor. Um exemplo clássico é o planejamento pedagógico que os docentes anualmente devem redigir para o corrente ano letivo.

Nesta obra, Hoffmann (2010a) nos apresenta a prática, a ação avaliativa, com referência ao modelo de Tyler. Observamos que a prática avaliativa compreende, no início do processo, o estabelecimento dos objetivos pelo professor e, em determinados intervalos, a verificação, por meio de testes, do alcance desses objetivos por parte dos alunos. Portanto, quando inserida no cotidiano, a ação avaliativa restringe-se à correção de tarefas diárias dos alunos e ao registro dos resultados.

Ainda de acordo com Hoffmann (2010b), nessa perspectiva, quando se debate avaliação, discutem-se, de fato, instrumentos de verificação e critérios de análise de desempenho final.

Outro autor que nos apresenta uma definição para avaliação é Michael Scriven (1999, p. 10 *apud* HAYDT, 2002, p. 12):

A avaliação é uma atividade metodológica que consiste na coleta e na combinação de dados relativos ao desempenho, usando um conjunto ponderado de escalas de critérios que leve a classificações comparativas ou numéricas, e na justificação dos instrumentos e da coleta de dados; das ponderações e da seleção de critérios.

Em Haydt (2002), é notório que Scriven entende ser necessário avaliar o grau de consecução dos objetivos estabelecidos, assim como o nível das dificuldades encontradas no percurso, ou seja, avaliar aquilo que não fora previsto no planejamento, no plano pedagógico. Scriven diferencia avaliação de mensuração, uma vez que, para ele, a avaliação tem como objetivo apreciar o valor ou julgar, daí a importância que atribuiu ao julgamento de valor ou mérito.

Portanto, para Michael Scriven, não basta apenas acompanhar ou verificar se os objetivos delineados foram realmente alcançados. Faz-se necessário, também, avaliar se os objetivos traçados condizem com os interesses relevantes da educação.

Seguindo com a definição de avaliação, expomos agora a concepção de Daniel Stufflebeam (1999, p. 10 *apud* HAYDT, 2002, p. 12): “[...] a avaliação é o processo de delinear, obter e fornecer informações úteis para o julgamento de decisões alternativas”. Segundo Haydt (2002), Stufflebeam enfatiza o caráter processual da avaliação, destacando que esse processo inclui três fases: delinear, obter e fornecer informações.

Concluídas as três fases citadas, “As informações obtidas devem ter como critério básico a utilidade, visando orientar a tomada de decisões” (HAYDT, 2002, p. 12). De acordo com Stufflebeam (1999 *apud* HAYDT, 2002, p. 12), a avaliação tem duas finalidades básicas: auxiliar o processo de tomada de decisão e verificar a produtividade. Ademais, a avaliação não deve ser identificada como medida, pois, embora esta lhe proporcione vigor e precisão, é muito limitada e inflexível para satisfazer a amplitude de informações exigidas pelo processo avaliativo. Consideramos que o aspecto mais ressaltado por Stufflebeam é a relação entre a avaliação e o processo de tomada de decisão.

Para concluirmos a conceituação de avaliação, apresentamos a definição de três autores que, na tentativa de conceituá-la, apresentaram várias dimensões sobre o assunto que, a nosso ver, são didáticas e elucidativas para nossa discussão. Os autores são estes: Bloom, Hastings e Madaus (1999, p. 10 *apud* HAYDT, 2002, p.12-13).

A avaliação é um método de coleta e de processamento de dados necessário à melhoria da aprendizagem e do ensino. A avaliação inclui uma grande variedade de dados, superior ao rotineiro exame escrito final. A avaliação auxilia no esclarecimento das metas e dos objetivos educacionais importantes e consiste num processo de determinação na medida em que o desenvolvimento do aluno está se processando da maneira desejada. A avaliação é um sistema de controle de qualidade pelo qual se pode determinar, a cada passo, o processo ensino-aprendizagem: se este está sendo eficaz ou não; e caso não esteja, indica que mudanças devem ser feitas a fim de assegurar sua eficácia antes que seja tarde demais. Finalmente, a avaliação é um instrumento na prática educacional que permite verificar se os procedimentos alternativos são igualmente eficazes na consecução de uma série de objetivos educacionais.

Em nosso dia a dia, deparamo-nos com situações em que nos é solicitado atribuir a alguém ou a algo um conceito, como bom, ótimo ou ruim, ou então uma nota de 0 a 10. Quando isso acontece, a maioria das pessoas apenas emite, sem nenhum critério, o referido conceito ou nota que lhe foi solicitado. Em vários casos, a ingenuidade e a ignorância são pontos determinantes para uma injustiça, uma vez que não se conhece a distinção entre os termos testar, medir e avaliar.

Consideramos a distinção desses termos de extrema importância para compreendermos o ato de avaliar. Para expor tais conceitos, referenciamos nos estudos de Regina Cazaux Haydt (2002) e Cipriano Carlos Luckesi (2010). Segundo Haydt (2002, p. 8),

Durante um certo tempo, o termo avaliar foi usado como sinônimo de medir. Isso aconteceu principalmente na década de 40 devido ao aperfeiçoamento dos instrumentos de medida em educação, incluindo o grande impulso dado à elaboração e aplicação de testes.

Entretanto, essa abordagem, que identificava avaliação como medida, logo deixou transparecer uma limitação - nem todos os aspectos da educação podem ser medidos. Então, o que é avaliar?

Segundo Haydt (2002, p. 10), “[...] avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores”. Já para Luckesi (2010, p. 76), “O termo avaliar é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso da ação que, por si, implica posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato, ou curso de ação avaliado”.

Dessa forma, na concepção do autor, isso quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou da qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto avaliado, com uma conseqüente decisão de ação.

Exposto o conceito de avaliar, passamos para o conceito de testar, que

[...] significa submeter a um teste ou uma experiência, isto é, consiste em verificar o desempenho de alguém ou alguma coisa (um material, uma máquina etc.) por meio de situações previamente organizadas chamadas testes. O teste é um meio, ou conjunto de meios, que serve para determinar as qualidades e os traços específicos do fenômeno que está sendo objeto de observação. Pelos testes, é possível medir o rendimento de uma capacidade, mas não a capacidade em si. (HAYDT, 2002, p. 9).

Frente ao exposto, Haydt (2002, p. 9) propõe aos educadores que tenham em mente os limites de sua utilização, pois nem todos os resultados do ensino podem ser medidos ou averiguados por testes. A função do teste está mais próxima do ato de classificar que do de diagnosticar. O que dizer das avaliações externas, baseadas, em sua maioria, em testes padronizados?

Portanto, os testes são instrumentos de medida, não têm um fim em si mesmos, mas servem para medir ou investigar aspectos das coisas existentes. Além disso, constituem uma das formas de medida com que investigamos as situações e os fenômenos.

Podemos dizer que o medir surge do testar, uma vez que a concepção de avaliação como processo de medida teve sua origem no início do século XX, nos Estados Unidos, com os estudos de Edward Lee Thorndike acerca dos testes educacionais; porém, há uma amplitude na concepção de medir, como se verifica a seguir: “[...] a medida tem um conceito mais amplo, portanto, incluindo outros instrumentos além dos testes” (LUCKESI, 2010, p. 10).

De acordo com Haydt (2002, p. 9), “[...] medir significa determinar a quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa tendo por base um sistema de unidades convencionais”. É, então, uma atribuição de valores segundo determinadas regras preestabelecidas. Em qualquer caso, o resultado de uma medida é expresso sempre em números, e não por descrição, tendo, para isso, como já mencionado anteriormente, um sistema de unidades convencionais, por exemplo, o litro, o metro, o grama, que facilitarão a interpretação dos resultados.

Enfim, os professores sempre tiveram a responsabilidade de avaliar os alunos, ou seja, de julgar os resultados do ensino, utilizando, para isso, vários instrumentos avaliativos. Todavia,

[...] a avaliação é um processo interpretativo (pois consiste num julgamento, tendo como base padrões ou critérios). Do ponto de vista educacional, quando se fala apenas testar ou medir, a ênfase recai na aquisição de conhecimentos ou em aptidões específicas. Quando usamos o termo avaliar, porém, estamos nos referindo não apenas aos aspectos quantitativos da aprendizagem, mas também aos qualitativos, abrangendo tanto a aquisição de conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares quanto habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudo e ajustamento pessoal e social. (HAYDT, 2002, p. 10).

Desse modo, consideramos que avaliar consiste em uma comparação do que foi alcançado com aquilo que havia sido programado. A avaliação será de extrema importância ao professor/educador para que este possa aperfeiçoar, modificar ou

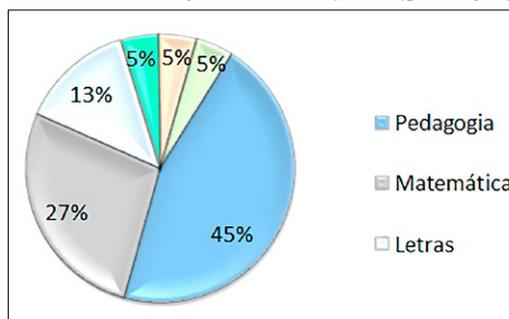
até abandonar um procedimento relacionado ao seu plano pedagógico, favorecendo não só a ele, mas principalmente ao aluno/estudante.

3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM CURSOS DE LICENCIATURA: OS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS APONTADOS PELOS SUJEITOS COMO MAIS UTILIZADOS POR SEUS PROFESSORES

Avaliar deveria ser tão prazeroso como ensinar e aprender, mas não é o que observamos: “Os professores elaboram suas provas para *provar* os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem” (LUCKESI, 2010, p. 21). Os alunos, por sua vez, consideram a avaliação como meio de aprovação ou reprovação. O estabelecimento de ensino e o Estado, por sua parte, veem-na como algo para a base de cálculos estatísticos. Esse é o reflexo da avaliação nos dias atuais - avaliar para provar, testar e medir. Avaliar para obter como resultado final números para serem organizados e dispostos para tratamento em tabelas e gráficos, em sua maioria, incoerentes. Isso é avaliar hoje. Não é o que queremos nem o que defendemos. Nós queremos e defendemos uma avaliação que aponte as dificuldades dos alunos, que determine dados relevantes, que proporcione ao aluno sua participação no processo avaliativo, que ele mesmo tenha ou adquira autonomia para realizar sua avaliação. Por que não?

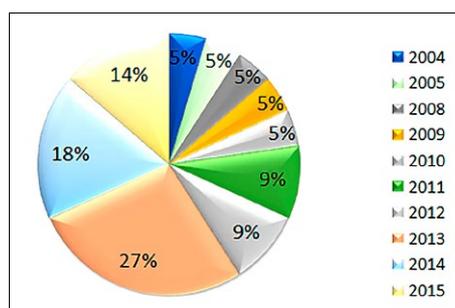
Antes de discutirmos e analisarmos as respostas dadas pelos sujeitos participantes às questões formuladas por nós, consideramos relevante dizer quem são esses sujeitos, qual sua formação inicial na licenciatura e o ano de sua formação. Para isso, devido ao limite de páginas deste trabalho, optamos por apresentar tais dados em gráficos:

Gráfico 1 – Formação em nível superior (graduação)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Ano de conclusão da graduação



Fonte: Elaborado pelos autores.

Apresentados os sujeitos, passemos a analisar suas respostas.

Ao observarmos as respostas dadas pelos formados em cursos de licenciaturas, percebemos que cerca de 57% deles foram avaliados durante a graduação por meio de avaliações tradicionais, como constatamos pelas transcrições de algumas respostas em virtude da seguinte questão: “Como você foi avaliado durante a graduação?”. As respostas que destacamos como aquelas que apresentam elementos de uma avaliação tradicional são estas:

Fui avaliada tradicionalmente com provas (S2, 2015);
Avaliação tradicional, conteudista (S5, 2015);
Fui avaliada da forma mais tradicional, por meio de notas de provas, seminários e trabalhos (S6, 2015);
Somente por prova (S8, 2015);
As avaliações, em sua grande maioria, eram tradicionais e feitas por meio de provas escritas sem consultas, e por meio de seminários em grupo (S9, 2015);
Fui avaliado tradicionalmente com provas sobre os conteúdos ministrados (S14, 2015);
Na graduação, fui avaliado por meio de provas dissertativas (S15, 2015);
Na graduação, as avaliações ocorriam por meio de provas escritas muito densas (S16, 2015);
Durante a graduação, a maior parte das avaliações foram feitas mediante provas dissertativas (S17, 2015);
Fui avaliada de muitas maneiras, algumas mais tradicionais, com provas dissertativas, outras com trabalhos e provas orais (S18, 2015);
Fui avaliado com provas muito tradicionais (S19, 2015);
Fui avaliado com provas dissertativas (S20, 2015);
Fui avaliada de forma muito tradicional, com provas e seminários (S21, 2015).

Pela análise das respostas dadas à questão mencionada, percebemos que, majoritariamente, os sujeitos nessa pesquisa foram avaliados de forma tradicional e, em alguns casos, exclusivamente por provas e avaliações dissertativas.

Então, surgem-nos algumas indagações: será possível avaliar nossos alunos somente utilizando um instrumento/critério avaliativo? Será esse critério/instrumento o melhor para se avaliar? Será que, por meio desse instrumento, é possível (re)pensar nossa prática pedagógica e/ou profissional? Para responder a essas questões, há necessidade de pesquisas mais profundas, abrangendo, para isso, um número maior de sujeitos, incluindo, especialmente, os docentes dos cursos de graduação, destacando-se aqui os de cursos de licenciaturas.

De imediato, concordamos com Hoffmann (2012) quando este destaca que avaliar é acompanhar a construção do conhecimento de nossos alunos, cuidando, por meio da intervenção do professor, para que o aluno consiga aprender e se desenvolver. Russell (2014) também alerta que a avaliação em sala de aula e o processo de coleta, síntese e interpretação de informações são os elementos que nos ajudam na tomada de decisões em sala de aula. Segundo o autor, ao longo de um dia de aula, os professores coletam e utilizam informações de maneira contínua para tomar decisões sobre a administração e a instrução em sala de aula, a aprendizagem dos alunos e o planejamento.

Então, será que os docentes desses cursos de licenciaturas têm conseguido coletar elementos suficientes durante essas avaliações (provas dissertativas) e utilizar esses elementos para tomar decisões quanto à aprendizagem efetiva de seus alunos?

Para responder a essas indagações, há a necessidade de pesquisas mais aprofundadas. De antemão, expomos que essa pesquisa resultou na elaboração de um curso que tem como temática a avaliação da aprendizagem no ensino superior, que será ministrado aos docentes de ensino superior de uma universidade pública no estado de São Paulo, na modalidade a distância. A ação ainda é pequena, mas, se causarmos uma ruptura na concepção e na ação tradicional de avaliação que está embutida no ensino-aprendizagem do ensino superior, em especial nos cursos de licenciatura, será uma grande conquista.

4 O QUE PENSAM SOBRE AVALIAÇÃO OS FORMADOS EM LICENCIATURAS: PERCEPÇÕES APONTADAS

Embora os formados tenham apontado que, em sua maioria, foram avaliados por meios, instrumentos avaliativos e critérios tradicionais, em alguns casos por intermédio apenas de um único instrumento avaliativo, suas percepções de avaliação não foram impregnadas pelos modelos tradicionais, como podemos observar em algumas das respostas da questão “Qual é a sua concepção de avaliação?”:

Avaliação é um processo constante que nos ajuda a melhorar o que é passado e o que o aluno está aprendendo e desenvolvendo (S1, 2015); Avaliar é um elemento importante de reflexão para o processo educacional (S3, 2015);

A avaliação deve ser vista como algo contínuo e formativo, isto é, que acontece durante todo o período na sala de aula (de escolarização). Ela deve servir como parâmetro não apenas para “mediar” o conhecimento do aluno, mas principalmente para que o docente veja e reveja sua própria prática. Dessa forma, além de o professor perceber seus avanços, poderá também (re)planejar suas ações para que os discentes melhorem sua aprendizagem (S4, 2015);

Analisar como está o ensino por parte do professor e a aprendizagem do aluno. Ela é processual e precisa ter claro quais critérios analisar para que o ensino vá nessa direção e ocorra, por fim, a aprendizagem (S5, 2015);

Avaliar é um ato de investigar, analisar e intervir para que os objetivos do processo de ensino e de aprendizagem sejam atingidos; em minha opinião, a avaliação tem um papel formativo, visando o desenvolvimento global do aluno, que acontece durante todo o processo (S6, 2015); Considero avaliação como o meio pelo qual o professor vai se utilizar para refletir, diagnosticar e analisar o seu trabalho pedagógico e/ou processos de ensino e de aprendizagem de seus alunos (S10, 2015); A avaliação deve ser vista como um processo de análise do desempenho do educando para que o professor possa desenvolver seu trabalho, de forma a proporcionar conhecimento da melhor forma possível. Deve ser um processo contínuo, e não apenas para avaliar determinados conteúdos em forma de provas, com o objetivo de verificar as dificuldades e os avanços do aluno (S12, 2015).

Enfim, por essas respostas, podemos considerar que os formados em licenciaturas têm uma concepção de avaliação voltada mais para o lado das reais funções da avaliação: diagnóstica, processual e formativa, em alguns casos aparecendo a reflexão da prática pedagógica e do trabalho pedagógico docente.

Entretanto, há a necessidade de pesquisas que contemplem a análise das práticas avaliativas desses formados em licenciaturas, assim como as considerações dos alunos com o objetivo de verificar se esses sujeitos não estão reproduzindo, em suas práticas pedagógicas, as mesmas avaliações a que foram submetidos durante seus cursos na graduação.

De antemão, apresentamos as respostas dadas por eles ao serem questionados: “Você utilizaria os mesmos métodos? Explique”. As respostas que destacamos são estas:

Não, no meu ver, acredito que a avaliação, por ser um processo constante, deve ser realizada sempre, e não apenas com provas (S1, 2015); Claro que não, porque decorar na hora da avaliação o que está num texto ou livro didático para reescrever na hora da prova não se constitui em uma avaliação. Concordo que há tipos de avaliações exatamente de acordo com conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (S5, 2015);

Não, eu utilizo outro método. Avalio conforme o desenvolvimento dos meus alunos (S 21, 2015);

Não utilizaria, pois não considero bom (S7, 2015);

Não, pois temos que avaliar o aluno no dia a dia, não somente através de prova (S8, 2015);

Eu não utilizo o mesmo método, pois acredito não ser eficaz com todos os alunos, prefiro fazer uma avaliação do desenvolvimento do aluno (S15, 2015);

Eu não utilizaria o mesmo método avaliativo, pois acredito que ele seja arcaico e não obtenha realmente o resultado da aprendizagem do aluno, eu utilizo a avaliação processual com meus alunos (S17, 2015); Não utilizaria o método, alguns professores demonstram fixação por provas longas e não pela participação e pelo envolvimento dos alunos nas atividades propostas, pois apenas prova dissertativa não é o suficiente (S18, 2015).

As respostas anteriormente transcritas evidenciam que os sujeitos não usariam os mesmos métodos por meio dos quais foram avaliados na graduação. Observamos, também, pelas falas de alguns sujeitos que estão atuando na docência, que estes não utilizam os métodos por considerarem que eles não avaliam o aluno integralmente, bem como seu desenvolvimento e processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, ao analisar as respostas dadas pelos sujeitos a essa questão, encontramos certa contradição. Mesmo com a maioria dos sujeitos apresentando uma concepção de avaliação mais progressista (diagnóstica, formativa, processual), grande parte deles, alegando que tinham sido avaliados, em sua maioria, por provas dissertativas e de forma tradicional, afirmam que utilizariam os mesmos métodos avaliativos. As respostas seguintes foram as que mais nos chamaram a atenção: “Acredito que sim, pois não há como avaliar o aluno sem lhe dar provas para verificar seu aprendizado” (S3, 2015); “Sim, eu utilizo o mesmo método porque acredito que seja eficaz” (S.20, 2015).

Os sujeitos acima responderam que foram avaliados de forma tradicional, por meio de provas dissertativas, escritas, trabalhos escritos, individualmente e em grupo. Pelas suas respostas, consideram esses métodos válidos e os usariam/ usam em suas práticas pedagógicas.

Os demais entrevistados que apontaram que usariam e/ou usam o mesmo método aos quais foram submetidos durante a graduação apresentam um diferencial. Mesmo utilizando o mesmo método, eles apresentam certa reflexão sobre esses instrumentos avaliativos, não se limitando somente a estes, mas pensando em outras possibilidades de avaliação:

Sim, na minha prática pedagógica, procuro diversificar os instrumentos de avaliação, uma vez que a sala de aula é heterogênea, isto é, diversificada, logo não comporta um mesmo método de avaliação a todos os alunos (S4, 2015);

Em minha prática, também utilizo, mas não como um fim para mensurar o rendimento na disciplina, mas como instrumentos a mais para a verificação das aprendizagens. Gosto muito de trabalhar com a ideia de portfólio, incluindo todos esses instrumentos avaliativos, além de outros, como relatórios, sondagens e autoavaliações (S6, 2015);

Usaria os métodos sim, mas não somente esses, pois cada aluno aprende de uma maneira e em um determinado tempo, dessa maneira diversificaria as avaliações, podendo usar a resolução de exercícios em grupo, trabalhos pra casa. Não sei dizer, pois não estou atuando como docente no momento e não consigo definir formas claras de avaliar, pois não tenho parâmetros (S9, 2015);

Considero que todos os instrumentos e os modos de avaliar realizados pelos meus professores na graduação foram válidos e com certeza que eu os utilizaria. Entretanto, a escolha de cada instrumento se dará pelo contexto em que eu atuar (S10, 2015).

Diante das respostas apresentadas pelos sujeitos a essa questão, reiteramos a necessidade de pesquisas mais aprofundadas com o objetivo de identificar se esses recém-formados estão reproduzindo os mesmos métodos avaliativos aos quais foram submetidos durante seus cursos de licenciatura, ou se estão apresentando outras formas de avaliar seus alunos e a sua prática pedagógica, assim como verificar se esses profissionais têm realizado outras práticas e quais teriam sido estas a partir dos resultados das avaliações do ensino-aprendizagem de seus alunos/estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Ao finalizar este texto, consideramos que analisar o impacto que a avaliação do ensino e da aprendizagem traz para a prática pedagógica dos docentes, seja no nível da educação básica, seja no nível de ensino superior, que foi o foco desta discussão, é de extrema importância, tendo em vista que a avaliação pode trazer vários elementos para (re)pensar os atuais processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos em nossas escolas e universidades.

Quanto à pesquisa em si, chamam a atenção os modelos tradicionais de avaliação utilizados pelos docentes nos cursos de licenciatura, em sua maioria provas dissertativas/escritas. Atente-se também para o fato de os formados apresen-

tarem, em sua maioria, percepções de avaliação mais progressistas (avaliação diagnóstica, processual e formativa), mas concordarem, ou até mesmo utilizarem, os mesmos métodos por meio dos quais foram avaliados durante a graduação, isto é, de cunho tradicional. Essa contradição precisa ser investigada e analisada.

É necessário também analisarmos as percepções, ou até mesmo as concepções, de avaliação dos docentes que atuam nessa modalidade de ensino, assim como analisar o porquê das escolhas dos critérios/instrumentos avaliativos apontados pelos formados.

Espera-se que, com o curso proposto (que foi resultado das discussões desta pesquisa), possam surgir algumas respostas para os problemas que este estudo apresentou.

Enfim, este trabalho não quer, de forma alguma, esgotar as discussões acerca da avaliação do ensino e da aprendizagem nos cursos de licenciatura; pelo contrário, nosso objetivo, com este texto, é suscitar, nos demais pesquisadores, da área ou não, reflexões e possíveis pesquisas que venham a preencher as lacunas que esta investigação apresenta.

REFERÊNCIAS

- CAPPELLETTI, I. F. Organizando o tear: fundamentos da avaliação. *In*: CAPPELLETTI, I. F. (Org.). *Avaliação educacional: fundamentos e práticas*. São Paulo: Articulação Universidade Escola, 2001. p. 70-95.
- GATTI, B. A. Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. *EcooS Revista Científica*, São Paulo, v. 4, n.1, p. 17-41, jun. 2002.
- HAYDT, R. C. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- HOFFMAN, J. *Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- HOFFMAN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010b.
- HOFFMAN, J. *Avaliação: mito e desafio, uma perspectiva construtiva*. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010a.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- RUSSEL, M. K. *Avaliação em sala de aula: conceitos e aplicações*. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.